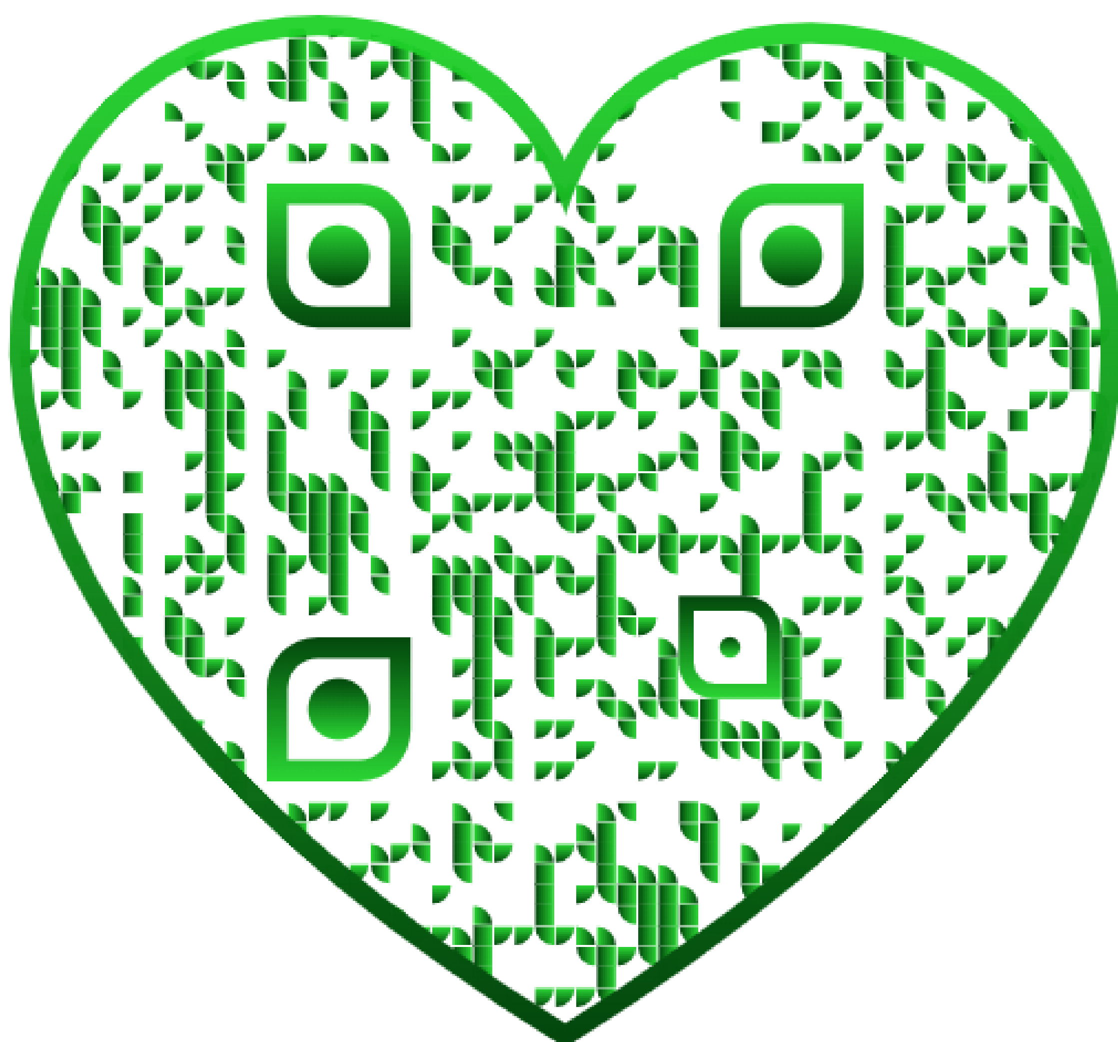
UM CONTO DA SÉRIE A RAINHA VERMELHA

VICTORIA AVEYARD



CANÇÃO DA RAINHA

SEGUINTE



VICTORIA AVEYARD

CANÇÃO DA RAINHA

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

SÉRIE A RAINHA VERMELHA

vol. 1: *A rainha vermelha*
vol. 2: *Espada de vidro* (lançamento em fevereiro de 2016)
vol. 3: lançamento em 2017
vol. 4: lançamento em 2018

CONTOS DIGITAIS

Canção da rainha
Cicatrizes de aço (lançamento em janeiro de 2016)

Como sempre, Julian deu um livro a ela.

Igual ao ano anterior, e a um ano antes, e a toda festa ou ocasião especial que ele podia encontrar entre os aniversários da irmã. Ela tinha prateleiras cheias dos supostos presentes dele. Alguns dados de coração, outros apenas para liberar espaço na biblioteca que ele chamava de quarto, onde altas pilhas de livros se amontavam de maneira tão precária que até os gatos tinham dificuldade para se orientar naquele labirinto. Os temas eram variados, desde aventuras dos desbravadores de Prairie até antologias de poemas entediantes sobre a corte real insípida que ambos tentavam evitar. *Mais combustível para a fogueira*, Coriane sempre dizia quando ele lhe entregava outra obra sem graça. Certa vez, no aniversário de doze anos da irmã, Julian deu a ela um texto antigo escrito num idioma que ela não sabia ler — e ele provavelmente só fingia compreender.

Apesar de não gostar da maioria das histórias do irmão, ela guardava a crescente coleção em prateleiras limpas, em ordem alfabética rigorosa, com as lombadas de couro voltadas para fora a fim de exibir os títulos. Quase nenhum seria tocado, aberto, lido — uma tragédia que nem Julian era capaz de encontrar palavras para lamentar. Não existe nada tão horrível quanto uma história não contada. Mas Coriane guardava os livros mesmo assim, bem espanados, limpos, com as letras douradas brilhando sob a claridade turva do verão ou sob a luz cinzenta do inverno. Todos vinham com "De: Julian" rabiscado na primeira página, e era isso que ela mais valorizava. Só os verdadeiros presentes dele conseguiam ser mais amados: os guias e manuais encapados em plástico, inseridos entre as páginas de uma enciclopédia ou de um livro de genealogia. Alguns ganhavam a honra de ficar enfiados debaixo do colchão, de onde eram arrancados à noite para que ela pudesse devorar os esquemas técnicos e os estudos sobre maquinário. Como construir, destruir e conservar motores de veículos, jatos, telégrafos e até mesmo lâmpadas e fogões de cozinha.

O pai dela não aprovava, como sempre. Uma prateada nobre e filha de uma Grande Casa não deveria manchar os dedos com óleo de motor, quebrar as unhas com ferramentas "emprestadas", ou ficar com olheiras por causa de noites mal dormidas devido a leituras inadequadas. Mas Harrus Jacos esquecia as apreensões sempre que a tela de vídeo na sala de estar entrava em curto e chiava entre fagulhas e imagens distorcidas. *Conserte, Cori, conserte*. Ela obedecia às ordens dele, sempre na esperança de que daquela vez fosse convencê-lo. Mas depois as caras fechadas diante de seus experimentos voltavam, e todo o bom trabalho era esquecido.

Ela estava contente com a viagem do pai à capital para ajudar o tio deles, o senhor da Casa Jacos. Assim ela poderia passar o aniversário com as pessoas que amava. No caso, Julian e Sara Skonos, que viera especialmente para a ocasião. *Cada dia mais linda*, Coriane pensou ao ver a melhor amiga. Fazia meses que elas não se viam, desde que Sara completara quinze anos e se mudara definitivamente para a corte. Na verdade, não era tanto tempo assim, mas a amiga já parecia diferente,

mais afiada. As maçãs do rosto destacavam-se cruéis por baixo da pele aparentemente mais pálida do que antes, como se tivesse sido drenada. E os olhos azul-cinzentos, antes estrelas brilhantes, pareciam escuros, repletos de sombras. Mas o sorriso ainda saía fácil quando estava com os Jacos. *Com Julian, na verdade*, Coriane sabia. E seu irmão era a mesma coisa, cheio de sorrisos, mantendo uma distância que nenhum rapaz sem interesse pensaria em manter. Ele tinha uma consciência precisa dos próprios movimentos, e Coriane tinha uma consciência precisa da presença do irmão. Com dezessete anos, ele já tinha idade suficiente para pedir alguém em casamento, e ela suspeitava que um pedido viria nos próximos meses.

Julian não se dera ao trabalho de embrulhar o presente, que já era belo por si só. Encadernação de couro, com faixas em tom de ouro envelhecido, cor da Casa Jacos, e a coroa flamejante de Norta gravada na capa. Não havia título na frente nem na lombada, e Coriane percebeu que as páginas não traziam nenhum manual técnico, o que a fez torcer um pouco o nariz.

— Abra, Cori — Julian disse, interrompendo-a antes que ela pudesse atirar o livro na modesta pilha com os outros presentes. Todos eram insultos velados: luvas para esconder as mãos “comuns”, vestidos desconfortáveis para uma corte que ela se recusava a visitar, e uma caixa já aberta de doces que o pai não queria que ela comesse. Acabariam antes da hora do jantar.

Coriane fez o que o irmão pediu e abriu o livro, encontrando-o em branco. Suas páginas creme estavam vazias. Ela fechou a cara, sem se dar ao trabalho de bancar a irmã agradecida. Julian não precisava desse tipo de encenação, e enxergaria seus sentimentos verdadeiros de qualquer jeito. E o que era melhor: não havia ninguém para lhe dar uma bronca por se comportar assim. *Minha mãe morreu, meu pai está fora, e a prima Jessamine felizmente ainda está dormindo*. Julian, Coriane e Sara estavam sozinhos no solário do jardim, como três pedrinhas se agitando em meio à poeira velha da mansão Jacos. Era um lugar entediante, que combinava com a dor vazia e constante no peito de Coriane. Janelas arqueadas davam para um canteiro de rosas que não via as mãos de um verde fazia anos. O chão precisava de uma boa varrida e as cortinas douradas estavam cinza de tanta poeira — e provavelmente teias de aranha. Mesmo a pintura pendurada acima da lareira de mármore manchada de fuligem estava sem a moldura de ouro, vendida anos antes. O homem de olhar sério na tela era o avô de Coriane e Julian, Janus Jacos, que certamente ficaria incomodado com a situação da propriedade da família. Nobres empobrecidos, se beneficiando do nome antigo e das tradições, sobrevivendo com pouco e cada vez menos.

A risada de Julian soou como sempre. *Irritação afetuosa*, Coriane sabia. Era essa a melhor expressão para descrever a atitude dele com a irmã mais nova. Tinham dois anos de diferença, e ele sempre fazia questão de lembrá-la de sua inteligência e idade superiores. Com delicadeza, claro. Como se fizesse alguma diferença.

— É para você escrever nele — ele continuou, deslizando os dedos longos e finos pelas páginas. — Ideias, o que você fez no dia.

— Eu sei o que é um diário — ela replicou, fechando o livro com força. Ele não se importou, não se deu ao trabalho de ficar ofendido. Julian a conhecia melhor do que ninguém. *Mesmo quando*

entendo as coisas errado. — Os meus dias não merecem muito registro.

— Besteira. Você é bem interessante quando quer.

Coriane sorriu, maliciosa.

— Julian, suas piadas estão melhorando. Será que finalmente encontrou um livro que ensina a ser engraçado? — Ela lançou um rápido olhar para Sara. — Ou alguém?

Enquanto Julian corava, as bochechas ficando azuladas com o sangue prateado, Sara levou na esportiva.

— Sou curandeira, mas não faço milagres — ela disse.

Os três gargalharam, preenchendo o vazio da mansão com um instante de ternura. O velho relógio soou num canto, indicando que a desgraça de Coriane se aproximava: a prima Jessamine chegaria a qualquer momento.

Julian levantou rápido e alongou o corpo esguio, ainda em transição para o de homem adulto. Ele precisava crescer um pouco, tanto em altura como em largura. Coriane, por outro lado, tinha a mesma altura havia anos, e não dava qualquer sinal de mudança. Ela era comum em todos os sentidos, desde os olhos azuis quase sem cor até o frágil cabelo castanho que teimava em não crescer além dos ombros.

— Você não quer esses, né? — ele perguntou ao estender o braço por cima da irmã. Roubou um punhado de doces açucarados da caixa na pilha de presentes e ganhou um tapinha na mão em resposta. *Que se dane a etiqueta. Os doces são meus*. — Cuidado. Vou contar para Jessamine — ele avisou.

— Não precisa — o sopro débil da voz da prima idosa vinha das colunas da entrada do solário.

Bufando aborrecida, Coriane fechou os olhos desejando que Jessamine Jacos deixasse de existir. *Não adianta fazer isso, claro. Não sou uma murmuradora. Sou apenas uma cantora.* E embora pudesse tentar usar seu exíguo poder contra Jessamine, no fim com certeza se daria mal. Por mais velha que a prima fosse, a voz e o poder dela ainda eram bem afiados, muito mais rápidos que os de Coriane. *Vou acabar esfregando o chão com um sorriso no rosto se a provocar*.

Coriane tentou parecer educada e se voltou para a prima, que se apoiava numa bengala coberta de joias, um dos últimos itens bonitos da casa que pertencia à pessoa mais feia. Jessamine tinha parado de frequentar os prateados curandeiros de pele havia muito tempo, para "envelhecer naturalmente", como costumava dizer. Mas a verdade era que a família não podia mais pagar o tratamento feito pelos mais talentosos da Casa Skonos, nem mesmo pelos curandeiros aprendizes que não pertenciam à nobreza. A pele dela estava murcha, cinza de tão pálida, com manchas roxas de velhice nas mãos enrugadas e no pescoço. Naquele dia, usava um turbante de seda cor de limão para esconder o pouco cabelo branco que lhe restava, e um vestido esvoaçante combinando. A barra roída por traças estava bem escondida, claro. Jessamine era uma mestra da ilusão.

— Julian, seja um bom rapaz e leve isso para a cozinha, por favor — ela pediu, apontando a unha comprida para os doces. — A criadagem ficará muito agradecida.

Coriane precisou se segurar para não caçoar da prima. "A criadagem" consistia em um mordomo

vermelho mais velho que Jessamine que sequer tinha *dentes*, a cozinheira, e duas jovens criadas de quem se esperava a conservação da mansão inteira. Eles deviam gostar dos doces, mas claro que Jessamine não tinha a menor intenção de lhes dar nada. *O mais provável é que os doces acabem na lata de lixo ou guardados em algum esconderijo no quarto dela*.

Julian teve a mesma desconfiança, a julgar pela sua expressão. Mas discutir com Jessamine era tão inútil quanto esperar frutos das árvores na estufa velha e em ruínas.

— Claro, prima — ele disse num tom mais adequado a um funeral. O olhar dele indicava um pedido de desculpas; o de Coriane, um monte de rancor. Com um sorriso sarcástico quase evidente, ela observou o irmão oferecer um braço a Sara e, com o outro, pegar o presente inadequado. Ambos estavam ansiosos para escapar das garras de Jessamine, mas odiavam ter que deixar Coriane para trás. Ainda assim, seguiram em frente e deixaram o solário.

Ótimo, me deixem aqui. É sempre assim. Abandonada com Jessamine, que tomara sobre si a função de transformar Coriane numa filha decente da Casa Jacos. Em outras palavras, uma filha *calada*.

Coriane também era sempre abandonada com o pai, quando ele voltava da corte depois de longos dias à espera de que tio Jared morresse. O chefe da Casa Jacos e governador da região de Aderonack não tinha mais filhos, então seus títulos passariam ao irmão e então a Julian. Os gêmeos, Jenna e Caspian, foram mortos nas Guerras de Lakeland, deixando o pai sem herdeiros diretos — e sem vontade de viver. Era apenas uma questão de tempo até o pai de Coriane assumir o posto, e ele não queria perder tempo. Coriane achava esse comportamento, na melhor das hipóteses, perverso. Não se imaginava fazendo algo assim com Julian, por mais que sentisse raiva dele de vez em quando. Ficar de braços cruzados, observando-o definhar de tanto sofrimento. *Mas não tenho qualquer desejo de chefiar a família, e nosso pai é um homem muito ambicioso, apesar de não ter nenhum tato*.

Coriane não sabia o que o pai planejava fazer depois da ascensão. A Casa Jacos era pequena e insignificante; governava um fim de mundo e tinha pouco mais que o sangue nobre para mantê-los aquecidos à noite. E, claro, Jessamine estava lá para garantir que todos fingissem que não estavam arruinados.

Ela sentou com a elegância de alguém com metade da sua idade, batendo a bengala contra o piso sujo.

— Que absurdo — ela resmungou enquanto observava uma nuvem de pó agitar-se contra um feixe de luz do sol. — É tão difícil encontrar bons empregados nos dias de hoje.

Principalmente quando você não tem condições de pagar, Coriane desdenhou mentalmente.

— Sim, prima, é muito difícil.

— Bom, passe-os pra cá. Quero ver o que Jared mandou — Jessamine disse.

Ela estendeu a mão curvada e começou a abrir e fechar várias vezes, num gesto que fazia a pele de Coriane arrepiar. A jovem mordeu o lábio para não dizer nada de errado. Depois pegou os dois vestidos dados pelo tio e os estendeu sobre o sofá onde Jessamine estava acomodada.

Fungando, a idosa examinou os vestidos dourados como Julian examinava textos antigos. Ela apertou os olhos para reparar bem na costura e no bordado, e passou a mão pelo tecido para arrancar

fios soltos invisíveis.

— Dignos — ela disse depois de um longo tempo —, embora ultrapassados. Nenhum é da última moda.

— Que surpresa — Coriane não conseguiu conter as palavras.

Um baque: a bengala golpeia o chão.

— Nada de sarcasmo. Não convém a uma dama.

Bom, todas as damas que conheço parecem bem versadas nele, incluindo você. Se é que posso chamá-la de "dama". Na verdade, já fazia pelo menos uma década que Jessamine não ia à corte real. Ela não tinha ideia de qual era a última moda e, quando bebia muito gin, não conseguia nem lembrar quem estava no trono. "Tiberias VI? Ou Tiberias V? Não, ainda estamos no Tiberias IV, com certeza. Aquele velho insiste em não morrer." Coriane enfim lembrava a prima delicadamente de que o país era governado por Tiberias V.

O filho dele, o príncipe herdeiro, se tornaria Tiberias VI quando o pai morresse, embora seu famoso gosto pela guerra fizesse Coriane se perguntar se ele viveria o bastante para usar a coroa. A história de Norta estava marcada por ardentes da Casa Calore morrendo em batalha, sobretudo primos e príncipes não herdeiros. Coriane desejava secretamente que o príncipe morresse, só para saber o que aconteceria. Ele não tinha irmãos, e os primos Calore eram poucos, para não dizer fracos, se as aulas de Jessamine eram confiáveis. Havia um século que Norta lutava contra Lakeland, mas com certeza uma guerra interna estava no horizonte. Uma guerra entre as Grandes Casas, para que outra família tomasse o trono. Não que a Casa Jacos fosse ter algum envolvimento nisso. A insignificância deles era uma constante, assim como a prima Jessamine.

— Bom, pelas mensagens do seu pai, esses vestidos vão ser usados logo — Jessamine prosseguiu enquanto deixava os presentes de lado. Sem se preocupar com o horário ou com a presença de Coriane, ela sacou uma garrafa de gin do vestido e tomou um gole generoso. O aroma se espalhou pelo ar.

Franzindo a testa, Coriane levantou os olhos das mãos, ocupadas em apalpar as luvas novas.

— O tio não está bem? — ela perguntou.

Outro baque da bengala.

— Que pergunta idiota. Ele está mal há anos, como você sabe muito bem.

O rosto da jovem corou num tom prata intenso.

— Quis dizer "pior". Ele está *pior*?

— Harrus acha que sim. Jared se enfurnou em seus aposentos na corte e raramente participa dos banquetes sociais, muito menos das reuniões administrativas ou do conselho dos governadores. Ultimamente seu pai desempenha as funções dele cada vez mais. Isso sem falar da aparente determinação que seu tio tem em sugar todo o cofre da Casa Jacos. — Outro gole de gin. Coriane quase riu da ironia. — Quanto egoísmo.

— É muito egoísmo mesmo — a jovem balbuciou. *Você não me desejou feliz aniversário, prima*. Mas ela não insistiu no assunto. Doía ser chamada de ingrata, mesmo que por uma sanguessuga.

— Vejo que ganhou mais um livro de Julian. Ah, e luvas! Ótimo, Harrus aceitou minha sugestão. E Skonos, o que ela trouxe para você?

— Nada.

Ainda. Sara tinha dito que o presente dela era algo que não podia ser amontoado com os outros.

— Nenhum presente? E mesmo assim ela vem aqui, come nossa comida, ocupa nosso espaço…

Coriane se esforçou para deixar as palavras de Jessamine voarem pelos ares para bem longe, como nuvens num dia de ventania. Para isso, concentrou-se no manual que tinha lido na noite anterior. *Baterias. Cátodos e ânodos. Os de uso primário são descartados, os secundários podem ser recarregados…*

Baque.

— Sim, Jessamine?

A velha encarava Coriane de olhos arregalados, a irritação estampada em cada uma de suas rugas.

— Não faço isso em benefício próprio, Coriane.

— Bom, com certeza também não é em benefício *meu* — ela sibilou, sem poder se segurar.

A resposta de Jessamine foi uma gargalhada tão seca que a saliva podia sair em pó.

— Bem que você gostaria, não é? Acha que sento aqui com você, aturando suas gozações e sua amargura por diversão? Ponha-se no seu lugar, Coriane. Faço isso única e exclusivamente pela Casa Jacos, por todos nós. Sei quem somos melhor do que você. E lembro como éramos antes, quando morávamos na corte e negociávamos tratados, tão indispensáveis para os reis Calore quanto a chama que eles sempre levam consigo. *Eu lembro*. Não existe dor ou castigo maior do que a memória.

Ela virou a bengala na mão, contando as joias que polia todas as noites. Safiras, rubis, esmeraldas e um único diamante. Dadas por pretendentes, amigos ou parentes; Coriane não sabia. Mas eram o tesouro de Jessamine, e os olhos dela reluziam como aquelas pedras.

— Seu pai vai ser o senhor da Casa Jacos, e seu irmão depois dele. Por isso você precisa arranjar seu próprio senhor. A não ser que queira ficar aqui para sempre.

Como você. A conclusão era clara e, por algum motivo, Coriane foi incapaz de superar o súbito nó na garganta e responder. Só conseguiu balançar a cabeça. *Não, Jessamine, não quero ficar aqui. Não quero ser como você.*

— Muito bem — Jessamine disse. Mais um baque da bengala. — Vamos começar o dia.

Mais tarde, já à noite, Coriane sentou para escrever. A pena corria pelas páginas do presente de Julian, jorrando tinta como uma faca espirra sangue. Coriane escreveu sobre tudo. Jessamine, o pai, Julian. A sensação terrível de que o irmão a abandonaria para enfrentar sozinho o furacão que estava por vir. Ele tinha Sara agora. Ela tinha flagrado os dois se beijando antes do jantar, e apesar de sorrir, de fingir um riso, de fingir achar graça ao ver os dois envergonhados, gaguejando explicações, no fundo Coriane tinha ficado desesperada. *Sara é minha melhor amiga. Sara é a coisa que pertence a mim*. Só que não era mais. Assim como Julian, Sara ia se afastar, até que só restasse a Coriane a poeira de uma casa e de uma vida esquecidas.

Porque não importava o que Jessamine dissesse, o quanto ela se envaidecesse e mentisse sobre as

supostas perspectivas de Coriane. Não havia o que fazer. *Ninguém vai casar comigo. Pelo menos ninguém com quem eu queira casar*. Ela já havia perdido as esperanças e aceitado a situação. *Jamais sairei daqui*, escreveu. *Estas paredes douradas serão meu túmulo*.

Jared Jacos teve dois funerais.

O primeiro foi na corte, em Archeon, num dia de primavera chuvoso e nublado. O segundo, uma semana depois, foi na mansão em Aderonack. O corpo dele se juntaria aos outros Jacos no mausoléu da família, onde descansaria num sepulcro de mármore pago com uma das joias da bengala de Jessamine. A esmeralda tinha acabado de ser vendida a um mercador de pedras preciosas em Archeon Leste, sob os olhares de Coriane, Julian e da prima idosa. Jessamine parecia desapegada; nem quis ver a pedra verde passar das mãos do novo Lord Jacos para as do joalheiro prateado. *Um homem comum,* Coriane reconheceu. Não vestia as cores de nenhuma Casa conhecida, mas era mais rico que eles, com roupas finas e uma boa quantidade de joias. *Podemos ser nobres, mas este homem poderia comprar todos nós se quisesse*.

A família trajava preto, como era costume. Coriane precisou pegar um vestido emprestado para a ocasião, uma das muitas túnicas de luto de Jessamine — a prima tinha participado e supervisionado mais de uma dúzia de funerais da Casa Jacos. O tecido dava coceira, mas Coriane se conteve durante o trajeto, desde o bairro comercial até a grande ponte que atravessava o rio Capital ligando os dois lados da cidade. *Jessamine me daria uma bronca ou um tapa se eu começasse a me coçar*.

Aquela não foi a primeira visita de Coriane à capital. Não foi nem mesmo a décima. Ela já estivera ali muitas vezes, geralmente convocada pelo tio, para mostrar a suposta força da Casa Jacos. Uma ideia tola. Além de ser pobre, a família era pequena e decadente, ainda mais depois da morte dos gêmeos. Não era páreo para as árvores genealógicas florescentes, com as das Casas Iral, Samos, Rhambos e outras. Linhagens ricas, capazes de aguentar o imenso peso de seus muitos membros. O lugar deles entre as Grandes Casas estava cimentado na hierarquia tanto da nobreza como do governo. Não era o mesmo com os Jacos, a não ser que o pai de Coriane, Harrus, encontrasse uma maneira de provar o valor da família para seus pares e para o rei. Na opinião de Coriane, isso parecia impossível. Aderonack ficava na fronteira com Lakeland e era uma terra com população pequena e uma floresta densa de que ninguém precisava. Os Jacos não podiam se gabar de suas minas, usinas ou mesmo de suas terras férteis. Não havia nada de útil naquele canto do mundo.

Coriane estava usando uma faixa dourada para acinturar o vestido desajustado de gola alta a fim de parecer um pouco mais apresentável, já que estaria fora de moda. Coriane disse a si mesma que não se importava com os sussurros da corte, as expressões de desprezo das outras jovens que a encaravam como se fosse um inseto, ou pior, uma *vermelha*. Eram garotas cruéis, bobas, que prendiam o fôlego à espera de qualquer notícia da Prova Real. Mas isso não era verdade. Sara era uma delas, não era? Filha de Lord Skonos, que treinava para se tornar curandeira e mostrava poderes muito promissores. Era o suficiente para que ela servisse à família real no futuro.

“Não quero isso”, Sara confessou a Coriane meses antes, durante uma visita. “É um desperdício

passar a vida curando cortes de papel e pés de galinha. Meus poderes seriam mais úteis nas trincheiras do Gargalo ou nos hospitais de Corvium. Soldados morrem lá todos os dias, sabia? Vermelhos e prateados, mortos por bombas e tiros de Lakeland. Eles sangram até a morte porque pessoas como eu ficam aqui."

Ela jamais diria algo assim a outra pessoa, muito menos ao pai, o chefe da Casa. Esse tipo de conversa é mais adequado à meia-noite, quando duas garotas podem cochichar seus sonhos sem medo das consequências. "Quero construir coisas", Coriane dissera à melhor amiga na mesma ocasião.

"Construir o quê, Coriane?"

"Jatos, aeronaves, veículos, telas de vídeo, lâmpadas, torradeiras! Sei lá, Sara, sei lá. Só quero… fazer alguma coisa."

Então Sara sorriu, seus dentes refletindo um raio fraco de luar. "Fazer alguma coisa da sua vida, você quer dizer. É isso, não é, Cori?"

"Não foi isso que eu disse."

"Não precisava dizer com todas as letras."

"Dá pra entender por que Julian gosta tanto de você."

Esse comentário fez Sara se calar na hora, e a garota adormeceu pouco depois. Mas Coriane manteve os olhos abertos, observando as sombras nas paredes, pensativa.

Agora, na ponte, no meio daquele caos de cores vivas, ela fazia o mesmo. Nobres, cidadãos, comerciantes prateados: todos pareciam flutuar diante dela, com pele fria, passos lentos, olhares severos e escuros, independentemente da cor. Bebiam cada manhã com ambição, como um homem saciado que ainda ingeria água a goles generosos enquanto os outros morriam de sede. Os outros eram vermelhos, claro, como indicavam as fitas em seus pulsos. Os criados vestiam uniformes, alguns listrados com as cores da Grande Casa a que serviam. Seus movimentos eram precisos, seus olhos miravam sempre adiante, e se apressavam para cumprir tarefas e ordens. *Pelo menos têm um propósito*, Coriane pensou. *Diferente de mim.*

De repente, ela sentiu o ímpeto de se agarrar ao poste mais próximo para não ser arrastada como uma folha ao vento ou uma pedra que cai na água. Voar ou afundar ou ambas as coisas. Ir aonde outra força maior a obrigava. Fora do seu próprio controle.

A mão de Julian se fechou ao redor do punho dela e a forçou a segurar o braço dele. *Esse vai ser meu apoio*, ela pensou, e seu corpo relaxou um pouco. *Julian vai me manter aqui*.

Mais tarde, ela registrou um pouco do funeral oficial em seu diário, já todo salpicado de borrões de tinta e rasuras. A ortografia melhorava, contudo, e a caligrafia também. Ela não escreveu nada a respeito do corpo do tio Jared, cuja pele tinha ficado mais branca que a lua depois de drenarem o sangue para o embalsamento. Ela não escreveu sobre os lábios trêmulos do pai que revelavam a dor que ele realmente sentia pela morte do irmão. Os escritos de Coriane não contavam como a chuva parou durante o período exato da cerimônia, ou como uma multidão de lordes veio manifestar seus pêsames. Ela nem se deu ao trabalho de mencionar a presença do rei, ou de seu filho, Tiberias, com

uma expressão sombria e fechada por trás das sobrancelhas escuras.

Meu tio morreu, ela escreveu. *E, de alguma forma, sinto inveja dele*.

Como sempre, ao terminar escondeu o diário debaixo do colchão da cama junto com seu outro tesouro: um pequeno conjunto de ferramentas. Guardadas com extremo zelo, tinham sido encontradas em casa, no armário de jardinagem abandonado. Duas chaves de fenda, um martelo pequeno, um alicate de bico e um grifo tão enferrujado que quase não servia para nada. *Quase*. Havia ainda um carretel de fio bem fino, cuidadosamente tirado de uma lâmpada velha do corredor de que ninguém sentiria falta. Como a propriedade em Aderonack, a casa dos Jacos em Archeon Oeste estava em ruínas. E era úmida durante a tempestade, o que dava às velhas paredes a aparência de uma caverna derretendo.

Coriane ainda trajava o vestido preto com a faixa dourada, e dizia a si mesma que as gotas em seus olhos eram da chuva quando Jessamine irrompeu pela porta. Queria causar rebuliço, claro. Era impensável um banquete sem uma Jessamine em polvorosa, especialmente um banquete na corte. Ela fez o máximo para deixar Coriane o mais apresentável possível apesar da falta de tempo e de recursos, como se sua vida dependesse disso. *Talvez dependa. Seja qual for o tipo de vida que ela deseja. Talvez a corte esteja precisando de mais uma instrutora de etiqueta para os filhos dos nobres e ela ache que fazer milagres comigo vai fazer com que conquiste o cargo*.

Até Jessamine quer sair de casa.

— Chega, não faça isso — Jessamine balbuciou ao secar as lágrimas de Coriane com um lenço. Em seguida, passou um lápis preto e macio para destacar os olhos da garota. Um blush azul arroxeado nas bochechas para ressaltar os ossos. Nada nos lábios, pois Coriane jamais conseguiu dominar a arte de não manchar dentes ou copos d’água com batom. — Acho que é suficiente.

— Sim, Jessamine.

Por mais que a velha adorasse a obediência, a atitude de Coriane a fez parar para pensar. A garota estava triste por causa do funeral, era óbvio.

— O que houve, filha? É o vestido?

Não me importo com vestidos de seda preta desbotada nem com banquetes nem com esta corte maldita. Não me importo com nada disso.

— Nada, prima. Só estou com fome, acho — Coriane disse, escolhendo a opção mais fácil: revelar um problema a fim de esconder o outro.

— Cuidado com o apetite — a idosa respondeu, revirando os olhos. — Lembre-se: você tem que fazer uma refeição simples, comer como um passarinho. Deve sempre haver comida no seu prato. Pegue sempre de pouquinho, pouquinho, *pouquinho*…

Pouquinho, pouquinho, pouquinho. As palavras eram como unhas afiadas batucando na cabeça de Coriane. Mas a jovem forçou um sorriso mesmo assim. Os cantos da sua boca arderam, doendo tanto quanto as palavras e a chuva e a angústia que a acompanhava desde a ponte.

No andar de baixo, Julian e o pai já estavam à espera, um ao lado do outro, perto do fogo fumacento da lareira. Os ternos eram idênticos: pretos com uma faixa dourada clara atravessando o

peito, da cintura ao ombro. Lord Jacos hesitava com a mão sobre o broche recém-adquirido preso à faixa: um quadrado de ouro surrado, tão velho quanto a família. Nada comparado às joias, aos medalhões e às insígnias dos outros governadores, mas bastaria para o momento.

Julian reparou no olhar de Coriane e deu uma piscadela para animá-la, mas o jeito deprimido da garota desanimou o irmão. Ainda assim, ele se manteve por perto durante todo o trajeto para o banquete, segurando a mão dela no veículo alugado e, mais tarde, seu braço, quando cruzaram os grandes portões da Praça de César. O Palácio de Whitefire ficava à esquerda, dominando o sul da praça que formigava de nobres.

Apesar da idade, Jessamine mal continha sua empolgação. Ela fazia questão de sorrir e inclinar a cabeça para todos que passavam. Chegava até a acenar, deixando as mangas esvoaçantes do vestido preto e dourado balançarem pelo ar.

Comunicação pela roupa, Coriane identificou. *Mas que idiotice. Igual ao resto desta dança que vai acabar numa desgraça ainda maior para a Casa Jacos. Por que adiar o inevitável? Por que entrar num jogo que não temos a menor chance de ganhar?* Ela não fazia ideia. Sua mente conhecia melhor circuitos elétricos do que a alta sociedade, e a garota não tinha esperanças de entender esta última. A corte de Norta não fazia sentido, assim como sua própria família. Nem mesmo Julian.

— Sei o que você pediu para o papai — ela sussurrou com cuidado para manter o queixo bem firme contra o ombro do irmão. O paletó abafou a voz dela, mas não o suficiente para que não pudesse ser ouvida.

Os músculos dele ficaram tensos.

— Cori…

— Preciso admitir que não entendi direito. Pensei… — A voz dela engasgou. — Pensei que você ia querer ficar com Sara agora que vamos ter que nos mudar para a corte.

Você pediu para ir a Delphie, para trabalhar com os pesquisadores e escavar ruínas em vez de aprender a governar sendo o braço direito do nosso pai. Por que você faria isso? Por que, Julian? E a pior pergunta de todas, aquela que Coriane não tinha forças para fazer: *como você é capaz de me abandonar também?*

O irmão soltou um longo suspiro e a apertou mais forte.

— Eu queria… *Quero*. Mas…

— Mas…? Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada. Nada de bom, nada de ruim — Julian acrescentou, e Coriane pôde perceber a ponta de um sorriso na voz dele. — Só sei que Sara não vai sair da corte se eu estiver aqui com o papai. Não posso fazer isso com ela. Este lugar… Não vou prender Sara neste ninho de cobras.

Coriane sentiu uma pontada de pena do irmão e de seu coração nobre, generoso e tolo.

— Então vai deixá-la ir para o campo de batalha?

— Não tenho que *deixar*. É ela que tem que tomar as próprias decisões.

— E se o pai dela, Lord Skonos, discordar?

Com certeza ele vai, Coriane pensou.

— Então me caso com ela conforme planejado e a levo para Delphie comigo.

— Você sempre tem um plano.

— Pelo menos tento.

Apesar da onda de felicidade — o irmão e a melhor amiga *iam se casar* —, aquela dor de sempre latejou dentro de Coriane. *Eles vão ficar juntos, e eu, sozinha*.

De repente, os dedos de Julian apertaram os dela com mais força; estavam quentes, apesar da garoa.

— E, claro, vou dar um jeito para que você venha também. Acha que eu deixaria você enfrentar a corte sem ninguém além do papai e de Jessamine? — ele disse, dando um beijo na bochecha dela e piscando em seguida. — Não sou tão ruim assim, Cori.

Por consideração a ele, Coriane forçou um sorriso largo que brilhou às luzes do palácio. Mas não sentia nada daquele otimismo. *Como Julian pode ser tão inteligente e tão burro ao mesmo tempo?* Isso a deixava confusa e triste. Mesmo se o pai deles concordasse com os estudos do filho em Delphie, Coriane jamais receberia autorização para fazer o mesmo. Ela não era muito inteligente, charmosa, bonita ou forte. Sua utilidade consistia no casamento, na aliança, e nada disso podia ser encontrado nos livros ou na proteção do irmão.

O Palácio de Whitefire ostentava as cores da Casa Calore — preto, vermelho e prateado — em tudo, até nas colunas de alabastro. As luzes nas janelas cintilavam, e os sons da grande festa ressoavam pela entrada principal, vigiada pela própria guarda de sentinelas do rei, de uniforme flamejante e máscara. Ao passar por eles, ainda segurando a mão de Julian, Coriane se sentiu menos como uma dama e mais como uma prisioneira conduzida à cela.

Coriane se esforçou ao máximo para comer pouquinho, pouquinho, pouquinho na refeição.

Também considerou a possibilidade de embolsar alguns garfos folheados a ouro. Se pelo menos a Casa Merandus — toda composta de murmuradores — não estivesse do outro lado da mesa, nem conhecesse as intenções de Coriane tão bem quanto ela mesma… Sara tinha dito que dava para perceber quando um deles se metia dentro da sua cabeça, por isso Coriane mantinha a compostura, com os nervos à flor da pele, tentando focar em seus próprios pensamentos. Isso a deixou pálida e quieta, com os olhos fixos no prato cheio de comida espalhada.

Julian tentava distrair, assim como Jessamine, embora ela o fizesse sem querer. Desmanchou-se em elogios ao Lord e à Lady Merandus, desde a combinação de roupas (um terno para o cavalheiro e um vestido para a dama, ambos de um intenso azul-escuro cheio de estrelas) até os lucros das terras da família (a maioria em Haven, incluindo a Cidade Alegre, a favela dos técnicos, um lugar que Coriane sabia que estava longe de ser feliz). Os Merandus pareciam firmes na meta de ignorar a Casa Jacos o máximo possível, mantendo as atenções sobre si e sobre a mesa elevada onde a realeza comia. Coriane não pôde conter um olhar furtivo para lá também.

Tiberias V, rei de Norta, naturalmente estava no centro, altivo e esguio, em sua cadeira ornamentada. Seu uniforme militar de gala preto tinha faixas de seda vermelha e tranças prateadas, todas meticulosamente perfeitas e no lugar certo. Ele era um homem muito bonito, com olhos dourados e um rosto capaz de fazer poetas chorarem. Mesmo a barba grisalha tinha sido aparada em ângulos perfeitos. De acordo com Jessamine, a Prova Real dele tinha sido um banho de sangue entre as garotas que competiam para ser rainha ao lado daquele homem. Nenhuma parecia se importar com o fato de que o rei jamais a amaria. Só queriam ser a mãe dos filhos dele, ganhar sua confiança e conquistar a coroa. A rainha Anabel, uma oblívia da Casa Lerolan, conseguiu exatamente isso. Estava sentada à esquerda do rei, sorrindo, os olhos fixos no único filho. O uniforme militar dela estava aberto no pescoço, revelando uma explosão de joias vermelhas, laranja e amarelas, poderosas como ela. A coroa era pequena, mas difícil de ignorar: pedras preciosas pretas encaixadas numa tira grossa de ouro rosado reluziam a cada movimento da rainha.

O amante do rei usava uma coroa parecida, mas sem as joias. Ele não parecia se importar, sorrindo orgulhoso e radiante enquanto enlaçava os dedos com os do rei. Príncipe Robert da Casa Iral. Não tinha sequer uma gota de sangue nobre, mas detinha o título havia décadas por ordens do rei. Como a rainha, usava um monte de joias azuis e vermelhas, as cores da sua casa, que saltavam ainda mais aos olhos por causa do uniforme preto, o longo cabelo escuro e a pele perfeitamente bronzeada. Sua risada era musical e se sobressaía às muitas vozes que ecoavam no salão de banquetes. Coriane achou o olhar dele meigo — algo estranho para alguém que vivia na corte havia tanto tempo. Aquilo a confortou um pouco, até ela notar a família dele sentada logo ao lado, todos sérios, com olhares

aguçados e sorrisos selvagens. Coriane tentou lembrar o nome deles, mas só conhecia uma pessoa ali: a irmã do príncipe Robert, Lady Ara, claramente a chefe da Casa Iral. Como se sentisse a jovem a observando, os olhos de Ara se viraram para Coriane, que precisou desviar o olhar.

Para o príncipe. Seria Tiberias VI um dia, mas por enquanto era apenas Tiberias. Um adolescente da idade de Julian, com uma sombra da barba do pai cobrindo o rosto de maneira desigual. Apreciava o vinho, a julgar pela taça vazia que era enchida às pressas e pela cor prateada tomando conta de suas bochechas. Ela se lembrava dele no funeral do tio, um filho obediente e resignado de pé ao lado da cova. Agora ele sorria fácil, trocando piadas com a mãe.

O olhar dele cruzou com o de Coriane por um momento, passando por cima do ombro da rainha Anabel para se fixar na garota da Casa Jacos vestida com roupas velhas. Ele deu um aceno curto com a cabeça para Coriane antes de voltar às palhaçadas e ao vinho.

— Não acredito que ela tolera isso — disse uma voz do outro lado da mesa.

Coriane virou na direção dela e se deparou com Elara Merandus, cujos olhos afiados e delineados observavam a família real com desgosto. Como o dos pais, o traje dela era cintilante, feito de seda azul-marinho e decorado com pedrinhas de cristal branco, ainda que ela usasse uma blusa transpassada com mangas morcego curtas em vez de um vestido. Cabelo longo, extremamente liso, jogado de lado como uma cortina loira, revelando uma orelha cravejada de cristais brilhantes. Sua aparência era meticulosamente perfeita. Cílios longos e escuros, a pele mais pálida e perfeita que porcelana, com a elegância de algo polido e esculpido especialmente para a corte real. Envergonhada com a própria condição, Coriane mexeu na faixa dourada na cintura. Não desejava nada além de sair do salão e voltar para a casa na cidade.

— Estou falando com você, Jacos.

— Perdoe-me a surpresa — Coriane disse, se esforçando para manter a voz estável. Elara não era conhecida pela simpatia, nem por muita coisa, aliás. Apesar de ser a filha de um dos chefes do governo, Coriane se deu conta de que sabia pouco sobre a murmuradora. — De quem você está falando?

Elara revirou os olhos azuis e brilhantes com a graça de um cisne.

— Da rainha, claro. Não sei como ela suporta dividir a mesa com o amante do marido, muito menos com a família dele. É um insulto tão claro quanto o dia.

Mais uma vez, Coriane lançou um olhar para o príncipe Robert. A presença dele parecia acalmar o rei, e se a rainha se incomodava, não demonstrava. Naquele momento, os três membros da realeza com coroa cochichavam entre si agradavelmente. Mas o príncipe herdeiro e sua taça de vinho não estavam mais lá.

— *Eu* não permitiria uma coisa dessas — Elara continuou, afastando o prato. Estava vazio, limpo. *Pelo menos ela tem coragem suficiente para comer tudo.* — E seria a minha casa sentada ali, não a dele. É direito da rainha e de mais ninguém.

Então ela vai competir na Prova Real.

— Claro que vou.

O medo percorreu o corpo de Coriane e a deixou gelada. *Será que ela…*

— Sim — Elara confirmou, abrindo um sorriso maldoso.

Aquilo fez Coriane queimar por dentro, e ela quase caiu para trás, chocada. Não sentia nada, nem mesmo um sopro dentro da cabeça, nenhum indício de que Elara ouvia seus pensamentos.

— Eu… — balbuciou. — Com licença.

Coriane levantou e suas pernas vacilaram, dormentes depois de ficar sentada durante os treze pratos do banquete. Mas felizmente conseguiu controlá-las. *Nada nada nada nada*, ela pensava, imaginando paredes brancas e papel branco e tudo branco na cabeça. Elara apenas observava, escondendo a risada com a mão.

— Cori…? — Ela ouviu Julian dizer, mas isso não a parou. Nem Jessamine, que não queria causar escândalo. O pai dela não percebeu nada; estava mais interessado em algo que Lord Provos tinha a dizer.

Nada nada nada nada.

Os passos de Coriane eram comedidos, nem rápidos nem lentos demais. *A que distância preciso estar?*

Mais longe, soou a voz sibilante de Elara na sua cabeça. Ela quase tropeçou ao sentir aquilo. As palavras ecoaram dentro dela e ao seu redor, das janelas até os ossos, dos lustres no teto até o sangue pulsando nos ouvidos. *Mais longe, Jacos.*

Nada nada nada nada.

Ela não percebeu que estava murmurando as palavras para si mesma com o fervor de uma oração até sair do salão de banquetes, percorrer um corredor e atravessar uma porta de vidro. Um pequeno pátio surgiu diante dela, com o aroma de chuva e flores doces.

— Nada nada nada nada — ela sussurrou de novo, adentrando o jardim. Magnólias agitavam-se em arcos, formando uma coroa de pétalas brancas e folhagem verde. Praticamente não chovia mais, e Coriane se aproximou das árvores para se proteger dos últimos pingos da tempestade. Estava mais frio do que ela esperava, mas a jovem agradecia. Elara já não ressoava mais na sua cabeça.

Suspirando, ela jogou o corpo sobre um banco de pedra sob o arvoredo. A superfície estava ainda mais fria e Coriane precisou abraçar o próprio corpo.

— Posso dar uma ajuda — disse uma voz grave, as palavras lentas e pesadas.

Coriane virou o rosto de imediato, arregalando os olhos. Esperava que fosse Elara caçando-a, ou Julian, ou então Jessamine para lhe dar uma bronca por ter saído de repente. A pessoa de pé a alguns metros de distância claramente não era nenhum deles.

— Alteza — Coriane disse, levantando para poder se curvar da maneira apropriada.

O príncipe herdeiro Tiberias se aproximou dela, confortável no escuro, com uma taça numa mão e uma garrafa pela metade na outra. Ele deixou a jovem fazer todas as reverências e, por delicadeza, não comentou nada sobre os modos atrapalhados dela.

— Já está bom — ele disse por fim, gesticulando para que ela levantasse.

Ela cumpriu a ordem imediatamente e levantou para encarar o príncipe.

— Sim, alteza.

— A senhorita aceitaria um pouco? — ele perguntou, embora já tivesse enchido a taça. Ninguém era idiota a ponto de recusar uma oferta do príncipe de Norta. — Não é um casaco, mas vai aquecê-la bem. É uma pena não servirem uísque nesses eventos.

Coriane forçou um aceno com a cabeça.

— É, uma pena — repetiu, sem nunca ter provado um gole da bebida.

Com as mãos trêmulas, ela pegou a taça cheia. Seus dedos encostaram nos dele por um instante. A pele do príncipe era quente como uma pedra no sol, e ela de repente teve vontade de segurá-lo. Em vez disso, porém, tomou um longo gole do vinho tinto.

Ele fez o mesmo, mas bebendo direto da garrafa. *Que falta de educação*, ela pensou enquanto observava a garganta dele vibrar a cada gole. *Jessamine me esfolaria se eu fizesse isso*.

O príncipe não sentou perto dela. Preferiu manter distância, então Coriane sentia apenas um resquício do calor dele. Era o bastante para saber que o sangue dele corria quente mesmo na chuva. Ela começou a imaginar como ele aguentava usar um terno justo sem encharcar o tecido de suor. Parte da jovem desejava que ele sentasse, só para desfrutar um pouco mais do calor dele. Mas não seria adequado para nenhum dos dois.

— A senhorita é sobrinha de Jared Jacos, não é? — ele perguntou com a voz polida e bem treinada. Um instrutor de etiqueta provavelmente o acompanhara desde o berço. De novo, ele não esperou resposta. — Meus pêsames, claro.

— Obrigada. Meu nome é Coriane — ela disse ao perceber que ele não ia perguntar. *Ele só faz as perguntas de que já sabe a resposta*.

O príncipe inclinou levemente a cabeça para sinalizar que tinha ouvido.

— Não vou fazer nós dois parecermos bobos e me apresentar.

Embora fosse contrário à etiqueta, Coriane sentiu os lábios sorrirem. Ela deu outro gole no vinho, sem saber o que fazer. Jessamine não tinha lhe dado muitas instruções sobre como conversar com a realeza da Casa Calore, muito menos com o futuro rei. “Fale quando falarem com você” era tudo de que a jovem conseguia se lembrar, então apertou os lábios com tanta força que formaram uma linha fina.

Tiberias caiu na gargalhada ao ver aquilo. Talvez estivesse um pouco bêbado e maravilhado.

— Você sabe o quanto é chato ter de conduzir *toda* e *qualquer* conversa? — Ele riu. — Falo mais com Robert e com meus pais simplesmente porque é mais fácil do que extrair qualquer palavra das outras pessoas.

Coitadinho, Coriane ironizou mentalmente.

— Isso me parece terrível — ela disse da maneira mais recatada que encontrou. — Talvez quando o senhor for rei possa mudar algumas regras de etiqueta da corte, não?

— Parece cansativo — ele murmurou entre mais alguns goles de vinho. — E pouco importante no contexto geral. Está havendo uma guerra, caso você não tenha percebido.

Ele tinha razão. O vinho a esquentou um pouco.

— Guerra? — ela perguntou. — Onde? Quando? Não ouvi nada sobre isso.

O príncipe lançou um olhar para Coriane, mas a encontrou com um sorrisinho no rosto. Ele riu de novo e inclinou a garrafa na direção dela.

— Por um segundo, você conseguiu me fazer de bobo, Lady Jacos.

Ainda sorrindo, ele foi até o banco e sentou ao lado dela. Não perto o suficiente para tocá-la, mas ainda assim Coriane se transformou numa estátua, perdendo completamente o ar brincalhão. Ele fingiu não notar enquanto ela se esforçava para manter a calma e a compostura.

— Então, vim beber aqui fora na chuva porque meus pais torceriam o nariz se eu ficasse alterado diante da corte. — O calor do corpo aumentou, pulsando com sua chateação. Coriane se deleitou ao sentir o frio ir embora de seus ossos. — Qual foi a sua desculpa? Não, espere. Vou adivinhar. Você estava sentada com a Casa Merandus, certo?

— Quem fez a disposição das mesas com certeza me odeia — a jovem confirmou, rangendo os dentes de raiva.

— Os organizadores não odeiam ninguém a não ser minha mãe. Ela não é muito chegada em flores, decorações ou mapas de assentos, por isso acham que ela negligencia seus deveres de rainha. Claro que é besteira — ele acrescentou rápido. Mais um gole. — Ela participa mais dos conselhos de guerra do que meu pai e treina o bastante para os dois.

Coriane lembrou da rainha de uniforme, com um esplendor de medalhas no peito.

— Ela é uma mulher impressionante — ela falou, sem saber mais o que dizer. Lembrou de Elara Merandus fulminando a realeza com o olhar, enojada pela suposta rendição da rainha.

— É mesmo.

Os olhos dele vagaram por um momento até pousarem sobre a taça vazia.

— Quer o resto? — o príncipe perguntou, e dessa vez esperava realmente uma resposta.

— Melhor não — ela respondeu, colocando a taça de vinho sobre o banco. — Na verdade, eu devia voltar para dentro. Minha prima Jessamine já deve estar furiosa comigo.

Espero que ela não fique a noite inteira me passando sermão, Coriane completou mentalmente.

No alto, a escuridão do céu ficava mais intensa e as nuvens começavam a se afastar, dando lugar a estrelas brilhantes. O calor do corpo do príncipe, sustentado por seu poder flamejante, criava um ambiente agradável em torno dos dois, um espaço que Coriane detestava ter de abandonar. Ela respirou fundo, contemplou as magnólias pela última vez, e se forçou a levantar.

Tiberias a acompanhou, ainda de maneira comedida.

— Quer que eu a acompanhe de volta? — perguntou, como competia a todo cavalheiro. Mas Coriane percebeu a relutância em seu olhar e o dispensou.

— Não, não quero punir nós dois.

Os olhos dele brilharam com essas palavras.

— Por falar em punição, se Elara algum dia voltar a murmurar na sua cabeça, pague na mesma moeda.

— Como… como o senhor sabe que ela fez isso?

Uma tempestade de emoções apareceu no rosto dele. A maioria delas era desconhecida para Coriane, mas a jovem com certeza sabia identificar a raiva.

— Ela sabe, como todo mundo, que meu pai vai convocar a Prova Real logo. Não duvido que tenha invadido a cabeça de cada uma das garotas para conhecer as inimigas e as vítimas.

Com uma rapidez quase compulsiva, ele tragou o último gole de vinho e esvaziou a garrafa. Mas o vazio não duraria muito. Algo no punho dele cintilou como uma faísca amarela e branca. A chama ardeu dentro do vidro e consumiu as últimas gotas de álcool presas na jaula verde.

— Ouvi dizer que a técnica dela é precisa, quase perfeita. Você não percebe a não ser que ela queria — ele completou.

Coriane sentiu um gosto amargo no fundo da boca. Concentrou-se na chama dentro da garrafa para evitar o olhar de Tiberias. Então ela viu o calor rachar o vidro, que não estilhaçou.

— É — ela disse em tom áspero. — Não dá pra sentir nada.

— Você é cantora, não é? — a voz dele de repente soou tão brutal quanto a chama, que agora assumia um tom amarelo doentio atrás do vidro verde. — Faça Elara provar do próprio veneno.

— Eu jamais poderia. Não tenho capacidade. E, além disso, existem leis. Não usamos nossos poderes contra nossos pares a não ser em situações específicas…

Dessa vez, a gargalhada dele ecoou grave.

— E por acaso Elara Merandus segue essa lei? Ela te ataca, você revida, Coriane. É assim que as coisas funcionam no meu reino.

— Ainda não é o seu reino — ela resmungou.

Mas Tiberias não se importou. Na verdade, abriu um sorriso sombrio.

— Sabia que você era corajosa, Coriane Jacos. Em algum lugar lá no fundo.

Coragem nenhuma. A raiva cresceu dentro dela, mas a jovem era incapaz de lhe dar voz. Ele era o príncipe, o futuro rei. E ela não era ninguém, uma tentativa fracassada de dama prateada das Grandes Casas. Em vez de endireitar o corpo, como desejava, ela se curvou em mais uma reverência.

— Alteza — ela disse, deixando o olhar cair para as botas de Tiberias.

Ele não se mexeu, não diminuiu a distância entre eles como fariam os heróis dos livros que Coriane lia. Tiberias Calore ficou para trás e a deixou retornar sozinha para aquele covil de lobos sem qualquer escudo a não ser o próprio coração.

Depois de dar alguns passos, ela ouviu a garrafa se estilhaçar, espalhando cacos pelas magnólias.

Um príncipe estranho, uma noite ainda mais estranha, ela escreveu mais tarde no diário. *Não sei se quero vê-lo de novo. Mas ele também parecia solitário. Será que não deveríamos ser solitários juntos?*

Pelo menos Jessamine ficou bêbada demais para brigar por eu ter fugido.

A vida na corte não era nem melhor nem pior do que a vida na província.

O cargo de governador era acompanhado de uma renda maior, mas ainda assim não acima dos custos das amenidades básicas. Coriane ainda não tinha a própria criada, e nem queria uma, embora Jessamine continuasse a reclamar que precisava de ajuda. Pelo menos a casa em Archeon era bem mais fácil de conservar que a propriedade em Aderonack, agora fechada devido à mudança da família para a capital.

Sinto saudades de lá de certa forma, Coriane escreveu. *A poeira, os jardins emaranhados, o vazio e o silêncio. Eu tinha tantos cantinhos só para mim, longe de meu pai e de Jessamine e mesmo de Julian*. A perda que mais sentia era a da garagem e dos anexos. Fazia anos que a família não dispunha de um veículo funcional, muito menos de um motorista contratado, mas os restos permaneciam. Havia o esqueleto de um veículo particular de seis assentos, com o motor caído no chão como um órgão. Aquecedores de água furados, caldeiras velhas despidas por gente atrás de peças, sem falar na tralha e na sucata que a equipe de jardinagem, dispensada havia anos, tinha deixado espalhada nos armários e pelos terrenos. *Deixo para trás quebra-cabeças incompletos, peças que jamais voltarão a se juntar. É uma sensação de desperdício. Não por causa dos objetos, mas por minha causa. Tanto tempo gasto em desencapar fios e contar parafusos. Para quê? Por um conhecimento que jamais usarei? Um conhecimento que é* desprezado, *que é considerado* inferior *e* imbecil *por todos os outros? O que fiz nesses últimos quinze anos? Uma grande construção de nada. Acho que sinto falta da casa antiga porque ali eu podia ficar no meu vazio, no meu silêncio. Pensei que odiasse aquelas terras, mas acho que odeio a capital ainda mais*.

O Lord Jacos negou a solicitação do filho, claro. O herdeiro dele não iria para Delphie traduzir registros em decomposição e arquivar artefatos inúteis.

— Não faz o menor sentido — ele disse. Assim como não via sentido na maioria das coisas que Coriane fazia, e sempre deixava sua opinião clara.

Ambos os filhos estavam desolados, com a sensação de que haviam perdido a oportunidade de escapar. Até Jessamine reparou na tristeza dos dois, embora não comentasse nada com nenhum deles. Mas Coriane sabia que a velha prima estava pegando mais leve com eles nos primeiros meses de corte. Ou melhor: estava pegando pesado na bebida. Por mais que Jessamine falasse de Archeon e Summerton, ela não parecia gostar muito de nenhuma das duas, a julgar por seu consumo de gin.

Quase sempre Coriane conseguia escapar durante a "soneca" diária de Jessamine. Andou pela cidade várias vezes, na esperança de encontrar um lugar que lhe agradasse, um lugar para se ancorar em meio ao mar revolto de sua nova vida.

Ela não encontrou um lugar. Encontrou uma pessoa.

Ele pediu que ela o chamasse de Tibe depois de algumas semanas. Um apelido familiar, usado pelos

membros da realeza e por um punhado de amigos preciosos.

— Tudo bem — Coriane concordou. — Dizer "alteza" já estava começando a incomodar.

Eles se encontraram pela primeira vez por acaso, na ponte gigantesca sobre o rio Capital que unia os dois lados de Archeon. Uma estrutura maravilhosa de aço retorcido e ferro em treliça que suportava três níveis de pistas, praças e centros comerciais. Coriane não se deslumbrou tanto com as lojas de seda ou com os bares que se estendiam acima da superfície da água, mas com a construção da ponte em si. Tentava imaginar quantas toneladas de metal estavam debaixo de seus pés, uma agitação de equações na cabeça. No começo, não notou os guardas caminhando em sua direção, nem o príncipe que seguiam. Daquela vez, Tiberias estava com a cabeça limpa, sem a garrafa na mão, e a jovem pensou que ele passaria reto.

Pensava isso toda vez, e sempre errava.

No começo de junho, uma semana antes de a corte fugir de Archeon para o palácio de verão — menor, mas de igual grandiosidade —, Tibe levou uma pessoa para conhecê-la. Tinham marcado de se encontrar em Archeon Leste, no jardim de esculturas do lado de fora do Teatro Hexaprin. Coriane chegou cedo porque Jessamine começou a beber já no café da manhã, e ela não via a hora de fugir. Pela primeira vez, sua relativa pobreza foi uma vantagem. As roupas simples não chamavam atenção, embora fossem claramente de uma prateada, já que tinha faixas das cores de sua família: dourado e branco. Nenhuma joia indicava que ela era uma dama de uma das Grandes Casas ou uma pessoa digna de ser notada. Não tinha sequer um servo uniformizado para segui-la uns passos atrás. As outras prateadas que passeavam pela coleção de mármores esculpidos mal a viam, e pela primeira vez Coriane gostou disso.

A cúpula verde do Hexaprin se erguia no alto, oferecendo sua sombra como proteção contra o sol. Um cisne negro de granito liso e impecável estava empoleirado no topo, com o pescoço comprido arqueado e as asas abertas; cada pena meticulosamente cinzelada. Um belo monumento à opulência prateada. *E provavelmente feito por um vermelho,* Coriane pensou enquanto observava ao redor. Não havia vermelhos por perto, mas eles corriam de um lado para o outro na rua. Uns poucos paravam para espiar o teatro, observando o lugar que jamais poderiam frequentar. *Talvez eu traga Eliza e Melanie aqui um dia*. Coriane começou a pensar se as criadas gostariam da ideia ou se sentiriam vergonha desse tipo de caridade.

Jamais descobriu. A chegada de Tibe apagou todos os pensamentos a respeito das criadas vermelhas e quase todas as outras coisas também.

Ele não tinha nada da beleza do pai, mas era bonito à sua maneira. Tibe tinha um maxilar marcante (ainda teimava em deixar crescer a barba), olhos dourados e expressivos e um sorriso travesso. Quando bebia, as bochechas coravam e o riso era mais intenso, bem como as batidas do coração; mas no momento ele estava frio como o gelo e inquieto. *Está nervoso*, Coriane percebeu quando foi ao encontro dele e do seu séquito.

Tibe estava vestido com simplicidade. *Mas não com a minha pobreza*, Coriane pensou. Sem uniforme, sem medalhas, nada que caracterizasse o evento como algo oficial. Usava um paletó cinza-

escuro simples sobre uma camisa branca, calça vinho e botas tão lustradas que pareciam espelhos. Os guardas não estavam tão informais. As máscaras e as roupas flamejantes indicavam bem o berço do príncipe.

— Bom dia — ele cumprimentou. Coriane notou que os dedos dele batucavam a coxa rápido. — Pensei que talvez pudéssemos ver *A queda do inverno*. É um espetáculo novo, de Piedmont.

O coração dela pulou com o convite. O teatro era uma extravagância que sua família mal podia bancar e, a julgar pelo brilho nos olhos de Tibe, ele sabia disso.

— Claro — ela aceitou. — Parece maravilhoso.

— Ótimo — ele retomou, passando o braço dela pelo dele.

O gesto já era praticamente natural para eles, mas ainda assim o braço de Coriane se arrepiou ao toque do príncipe. Fazia tempo que ela tinha decidido que a relação entre eles era apenas de amizade — *ele era o príncipe, passaria pela Prova Real* —, mas podia ao menos desfrutar daquela presença.

Deixaram o jardim rumo aos degraus de azulejos do teatro e da fonte diante da entrada. A maioria das pessoas parou para dar passagem e observar o príncipe e uma dama da nobreza adentrarem o teatro. Alguns tiraram fotos; os flashes brilhantes cegavam Coriane, mas Tibe sorria o tempo todo. Estava acostumado a esse tipo de coisa. Ela também não se importou, não muito. Na verdade, ficou pensando se havia alguma maneira de regular a intensidade das lâmpadas do flash para prevenir que não ofuscassem quem estivesse perto.

— Robert vai se juntar a nós, aliás — Tibe soltou enquanto passavam pela porta, pisando num mosaico de cisnes negros levantando voo.

Coriane mal escutou; estava impressionada demais com a beleza do Hexaprin, com suas paredes em mármore, escadarias clássicas, explosões de flores e teto espelhado de onde pendia uma dúzia de lustres dourados. Mas depois de um segundo, ela fechou a boca e se virou para Tibe. Ele corava intensamente, de um jeito que ela nunca tinha visto.

Ela arregalou os olhos, preocupada. A imagem do amante do rei, do príncipe que não era da realeza, passou pela cabeça dela.

— Por mim, tudo bem — ela disse, com o cuidado de manter a voz baixa. Uma multidão começava a se formar, ansiosa para entrar na matinê. — A não ser que seja um problema para você.

— Não, não é. Estou muito contente por ele vir. Eu… pedi para ele nos acompanhar. — Por algum motivo, o príncipe se atropelava nas palavras. Coriane não conseguia entender o porquê. — Queria que te conhecesse.

— Ah… — Foi tudo o que ela disse. Coriane não sabia como reagir. Então deu uma olhada no vestido comum e fora de moda e franziu a testa. — Queria ter vestido outra roupa. Não é todo dia que você conhece um príncipe — finalizou, com uma leve piscadela.

Ele caiu numa gargalhada divertida e aliviada.

— Muito engraçado, espertinha.

Eles passaram direto pela bilheteria e pela entrada principal do teatro. Tibe conduziu a garota pelas escadarias sinuosas para lhe oferecer uma vista melhor do saguão magnífico. Como na ponte, ela se

perguntava quem teria construído aquele lugar, mas lá no fundo já sabia a resposta. Mão de obra vermelha, artesãos vermelhos, talvez com a ajuda de um punhado de magnetrons no processo. Coriane sentiu a habitual pontada de descrença. *Como servos podem criar tamanha beleza e ainda serem considerados inferiores? Eles são capazes de fazer maravilhas diferentes das nossas*.

Eles ganhavam habilidades por meio do trabalho duro e da prática, não nasciam com elas. *Isso não é equivalente à força dos prateados, se não ainda maior?* Mas Coriane não se deteve muito nesses pensamentos. Nunca se detinha demais. *O mundo é assim mesmo*.

O camarote real era no fim de um longo corredor acarpetado decorado com pinturas. Muitas eram do príncipe Robert e da rainha Anabel, ambos grandes mecenas na capital. Tibe os apontava orgulhoso, detendo-se um pouco mais num retrato da mãe e de Robert, ambos de coroa e vestes oficiais.

— Anabel *odeia* essa pintura — disse uma voz do fundo do corredor. Como seu riso, a voz do príncipe Robert era melodiosa, e Coriane se perguntou se ele não teria sangue cantor na família.

O príncipe se aproximou, deslizando em silêncio pelo carpete com passos largos e elegantes. *Silfo*, Coriane logo percebeu, lembrando que ele era da Casa Iral. Seu poder era a agilidade, o equilíbrio, o que lhe permitia movimentos rápidos e capacidade acrobática. O cabelo longo lhe caía sobre um dos ombros, reluzindo em ondas escuras de azul-marinho. Quando a distância entre eles diminuiu, Coriane notou o tom grisalho nas têmporas, bem como pequenas rugas ao redor da boca e dos olhos.

— Ela acha que o quadro não é fiel à nossa imagem. Considera-o bonito demais, você conhece sua mãe — Robert prosseguiu, parando diante da pintura. Apontou para o rosto de Anabel e depois para o próprio na pintura. Ambos pareciam brilhar de juventude e vitalidade, com traços belos e olhares iluminados. — Mas eu acho que está bom. Afinal, quem não precisa de uma ajudinha de vez em quando? — acrescentou com uma piscadela. — Você logo vai descobrir, Tibe.

— Não se eu puder evitar — Tibe disparou. — Posar para quadros deve ser a atividade mais chata do reino.

Coriane lançou um olhar para ele.

— Mas é um preço baixo a se pagar. Por uma coroa.

— Palavras perfeitas, Lady Jacos, perfeitas! — Robert riu, jogando o cabelo para trás. — Vá com calma com essa garota, Tibe. Apesar de parecer que você já esqueceu os bons modos, não é?

— Claro, claro — o rapaz disse e acenou para que Coriane se aproximasse. — Tio Robert, esta é Coriane da Casa Jacos, filha de Lord Harrus, governador de Aderonack. E Coriane, este é Robert da Casa Iral, príncipe consorte de sua majestade real, rei Tiberias V.

As reverências de Coriane tinham melhorado nos últimos meses, mas não muito. Ainda assim, ela esboçou uma, mas Robert a puxou para um abraço. Ele cheirava a lavanda e… *pão quente*?

— É um prazer finalmente te conhecer — ele disse, segurando-a pelos ombros.

Pela primeira vez, Coriane não se sentiu sob análise. Não parecia existir qualquer maldade no corpo e na alma de Robert, que sorria com carinho.

— Vamos — ele disse. — O espetáculo vai começar daqui a pouco.

Assim como Tibe fizera antes, Robert tomou o braço da jovem, dando-lhe tapinhas na mão como um avô coruja.

— Você vai sentar ao meu lado, claro.

Coriane sentiu um aperto no peito, uma sensação desconhecida. Seria felicidade? Ela achava que sim.

Com o sorriso mais largo que conseguia dar, ela lançou um olhar por cima do ombro e viu Tibe logo atrás, com os olhos nos dela e um sorriso alegre e aliviado.

No dia seguinte, Tibe partiu com o pai para um reconhecimento de tropas no forte de Delphie, deixando Coriane livre para visitar Sara. A família Skonos tinha uma casa opulenta na cidade, nas colinas de Archeon Oeste, mas eles também contavam com apartamentos no próprio Palácio de Whitefire, para o caso de a família real precisar de um curandeiro de pele de emergência. Sara a esperava no portão, sozinha, com um sorriso perfeito para os guardas, mas que servia de alerta a Coriane.

— O que foi? O que aconteceu? — Coriane sussurrou assim que as duas chegaram aos jardins dos aposentos dos Skonos.

Sara a conduziu por entre as árvores até ficarem a centímetros de um muro coberto de plantas, com roseiras imensas de cada lado, de maneira que as duas não podiam ser vistas. Ondas de pânico atravessaram o corpo de Coriane. *Será que algo aconteceu? Com os pais de Sara? Será que Julian se enganou e Sara partirá para a guerra?* Coriane egoistamente esperava que não fosse esse o caso. Amava Sara tanto quanto Julian, mas não queria vê-la ir embora, mesmo se fosse o desejo da amiga. Só a ideia já a enchia de temor, e ela sentiu lágrimas brotarem nos olhos.

— Sara, você… você vai…? — ela começou, gaguejando, mas Sara a interrompeu com um gesto.

— Ah, Cori, não tem nada a ver comigo. Nem ouse chorar — ela disse, forçando uma risadinha e abraçando a amiga. — Sinto muito. Não queria deixar você nervosa. Só não queria ser ouvida.

Um alívio percorreu o corpo de Coriane.

— Graças às minhas cores — ela balbuciou. — E o que exige tanto segredo? A sua vó veio pedir para você levantar as sobrancelhas dela de novo?

— Espero que isso não aconteça.

— Então o que é?

— Você conheceu o príncipe Robert.

— E? Aqui é a corte. Tudo mundo conhece Robert… — Coriane desdenhou.

— Todo mundo o *conhece*, mas ninguém teve encontros privados com o amante do rei. Na verdade, ele está bem longe de ser querido por aqui.

— Não sei por quê. Talvez ele seja a pessoa mais bondosa do palácio.

— Por inveja, normalmente. E algumas Casas mais tradicionais acham errado colocá-lo numa posição tão alta. “Prostituto coroado” é o termo mais usado, acho.

Coriane corou, tanto de raiva como de vergonha por Robert.

— Bom, se é um escândalo conhecê-lo e gostar dele, não me importo nem um pouco. Nem Jessamine, que ficou toda empolgada quando expliquei…

— O escândalo não é conhecer Robert, Coriane.

Sara tomou-a pelas mãos e Coriane sentiu uma fração do poder da amiga se infiltrar em sua pele. Um toque frio que significava que o corte feito com papel no dia anterior cicatrizaria num piscar de olhos.

— O escândalo tem a ver com você e o príncipe herdeiro. A proximidade entre vocês dois — Sara continuou. — Todo mundo sabe como a família real é unida, especialmente no que diz respeito a Robert. Eles o valorizam e protegem acima de qualquer coisa. Se Tiberias quis que vocês se conhecessem, então…

Apesar da sensação agradável, Coriane soltou as mãos de Sara.

— Somos amigos. E isso é tudo o que podemos ser. — Ela forçou uma risadinha que não combinava nada com ela. — Você não está pensando seriamente que Tibe me vê como algo mais, que ele *quer* ou pode *vir a querer* algo mais de mim, está?

Ela esperava que a amiga risse com ela, que deixasse a história toda de lado como uma piada. Contudo, Sara nunca pareceu tão séria.

— Tudo indica que sim, Coriane.

— Bom, você está errada. Não sou algo mais, e ele não quer que eu seja. Além disso, a Prova Real está chegando. Deve ser logo, porque ele já tem idade. Ninguém jamais me escolheria.

De novo, Sara tomou as mãos de Coriane e as apertou com delicadeza.

— Eu acho que ele escolheria.

— Não me diga isso — Coriane sussurrou.

Ela encarou as rosas, mas o que via era o rosto de Tibe. Já lhe era familiar, depois de meses de amizade. Ela conhecia o nariz dele, os lábios, o queixo, e especialmente os olhos. Os traços faziam algo se agitar dentro dela, criavam um vínculo que ela não sabia se seria capaz de estabelecer com outra pessoa. Ela via a si mesma nele, a própria dor, a própria alegria. *Somos iguais*, ela chegou a pensar. *Dois solitários num salão cheio em busca de um porto seguro*.

— É impossível — Coriane continuou. — E ao dizer isso, você me dá um pouco de esperança em relação a ele. — Ela suspirou e mordeu os lábios. — Não preciso de um coração partido além de todo o resto. Ele é meu amigo e sou amiga dele. Nada mais.

Sara não era de fantasiar ou sonhar acordada. Se importava mais em curar ossos do que corações partidos. Assim, Coriane não teve como não acreditar nas palavras da amiga, apesar de irem contra suas próprias desconfianças.

— Amiga ou não, Tibe te favorece. E só isso já é motivo para você tomar cuidado. Ele acabou de pintar um alvo nas suas costas, e cada uma das garotas da corte sabe.

— As garotas da corte mal sabe quem eu sou, Sara.

Ainda assim, ela voltou para a casa atenta.

Naquela noite, sonhou com facas cravadas na seda, cortando seu corpo em pedaços.

Não ia haver Prova Real.

Dois meses se passaram no Palacete do Sol e a corte continuava à espera de algum anúncio. Homens e mulheres da nobreza infernizavam o rei, perguntando quando o príncipe escolheria uma noiva entre as filhas das Grandes Casas. Ele encarou todas as solicitações com seus belos olhos, mas permaneceu firme. A rainha Anabel fazia praticamente o mesmo e não dava qualquer indício de quando o filho cumpriria seu dever mais importante. Apenas o príncipe Robert tinha a ousadia de sorrir, sabendo precisamente o tipo de tempestade que se armava no horizonte. As fofocas aumentavam com o passar dos dias. Houve quem começou a se perguntar se Tiberias era como pai e preferia homens a mulheres. Mesmo assim, tinha o compromisso de escolher uma rainha para dar à luz seus filhos. Outros eram mais astutos e pegavam as migalhas que Robert lhes deixava. Eram como placas de sinalização, que ele dava bondosamente, para ajudar. *O príncipe já deixou bem clara sua escolha, e nenhuma arena o fará mudar de ideia*.

Coriane Jacos jantava regularmente com Robert, e também com a rainha Anabel. Ambos não perdiam oportunidades de elogiar a jovem, tanto que as pessoas começaram a questionar se a Casa Jacos era mesmo tão fraca quanto aparentava. “Um truque?”, se perguntavam. “Uma máscara pobre para esconder um rosto poderoso?” Os nobres mais cínicos encontravam outras explicações. “Ela é cantora, uma manipuladora. Encarou o príncipe nos olhos e o forçou a amá-la. Não seria a primeira vez que alguém quebra as nossas leis pela coroa.”

Lord Harrus se deleitava com a atenção recém-conquistada. Usou-a em benefício próprio, tirando vantagem do futuro da filha para conseguir moedas tetrarcas e empréstimos. Só que ele era um jogador fraco num jogo grande e complicado. Perdeu tudo o que tomou emprestado, apostando tanto em cartas quanto em ações do Tesouro ou realizando empreendimentos custosos para “melhorar” a região que governava. Fundou duas minas por incentivo de Lord Samos, que lhe assegurou a existência de ricos veios de ferro nas colinas de Aderonack. Ambas fracassaram em questão de semanas; o retorno foi apenas pó.

Apenas Julian sabia daqueles fracassos, e tomava cuidado para escondê-los da irmã. Tibe, Robert e Anabel faziam o mesmo, protegendo-a das piores fofocas, trabalhando em conjunto com Julian e Sara para manter Coriane numa alegre ignorância. Mas Coriane ouvia tudo, apesar da proteção. E para evitar preocupações à família e aos amigos, para mantê-los felizes, fingia que ela própria estava feliz. Apenas seu diário testemunhava o custo das mentiras.

Meu pai está cavando nossa cova. Gaba-se de mim para os supostos amigos, dizendo que serei a próxima rainha de Norta. Acho que ele nunca tinha prestado tanta atenção em mim antes. Mesmo agora, ela é minúscula e não é exatamente dirigida a mim. Ele finge que me ama por causa de outra pessoa, por causa de Tibe. Apenas quando os outros enxergam algum valor em mim é que ele resolve

fazer o mesmo.

Por causa do pai, Coriane tinha pesadelos com uma Prova Real em que era derrotada, posta de lado e enviada de volta à casa na província. Lá, era forçada a dormir no túmulo da família, ao lado do corpo rígido do tio. Quando o cadáver se contorcia e agarrava sua garganta, Coriane acordava, encharcada de suor, incapaz de voltar a dormir.

Julian e Sara pensam que sou fraca, frágil, uma boneca de porcelana que se quebrará ao primeiro toque, escreveu. *Pior de tudo: estou começando a acreditar neles. Será que sou realmente tão frágil? Tão inútil? Com certeza posso servir para alguma coisa. Se ao menos Julian pedisse minha ajuda… Será que as aulas de Jessamine são o mais longe que posso chegar? No que estou me tornando aqui? Chego até a duvidar que ainda consiga trocar uma lâmpada. Não sou sequer capaz de reconhecer a mim mesma. É esse o significado de crescer?*

Por causa de Julian, Coriane tinha pesadelos em que estava num quarto bonito, mas com todas as portas trancadas e todas as janelas fechadas, sem qualquer coisa ou pessoa para lhe fazer companhia. Nem mesmo livros. Nada que a irritasse. E o quarto sempre se tornava uma gaiola com grades de ouro. Então as grades encolhiam, encolhiam e encolhiam até cortar a pele de Coriane, o que a fazia acordar.

Não sou o monstro que as fofocas dizem. Não fiz nada, não manipulei ninguém. Faz meses que sequer tento usar meu poder, já que Julian não tem mais tempo para me ensinar. Mas eles não acreditam. Percebo como me encaram. Até os murmuradores da Casa Merandus. Até Elara. Não a ouço dentro da minha cabeça desde o banquete, quando suas provocações me levaram até Tibe. Talvez isso a tenha ensinado a não se meter na mente dos outros. Ou talvez ela esteja com medo de me encarar nos olhos e ouvir a minha voz, como se eu fosse páreo para seus múrmuros afiados. Não sou, claro. Sou completamente indefesa contra gente como ela. Talvez eu devesse agradecer quem começou os rumores. Evita que predadores como ela me transformem em presa.

Por causa de Elara, Coriane tinha pesadelos com olhos azuis gélidos seguindo cada um de seus movimentos, observando-a pôr a coroa. As pessoas curvavam-se sob o olhar dela e caçoavam quando virava as costas, tramando contra a rainha recém-escolhida. Temiam-na e a odiavam-na igualmente. Cada um deles era um lobo esperando Coriane se revelar um cordeiro. Ela cantava no sonho, uma canção sem palavras que não fazia nada além de aumentar a sede de sangue dos outros. Às vezes as pessoas a matavam, às vezes a ignoravam, às vezes a jogavam numa cela. As três situações arrancavam-na do sono.

Hoje Tibe disse que me ama, que quer casar comigo. Não acredito nele. Por que ele ia querer isso? Não sou importante. Não tenho beleza, inteligência, força nem poder grandiosos para ajudar o reino. Não lhe ofereço nada além de preocupações e peso. Ele precisa de alguém forte ao lado dele, uma pessoa que ri das fofocas e supera as próprias inseguranças. Tibe é tão fraco quanto eu, um garoto solitário sem um caminho próprio. Só vou piorar as coisas. Só vou lhe trazer dor. Como posso fazer isso?

Por causa de Tibe, Coriane sonhava que deixava a corte para sempre. Como Julian queria fazer,

para evitar que Sara ficasse presa a ele. Os destinos variavam a cada noite. Ela fugia para Delphie ou Harbor Bay ou Piedmont ou mesmo para Lakeland. Cada um desses lugares aparecia pintado em tons de cinza. Cidades sombrias que a engoliam e a escondiam do príncipe e da coroa. E também a assustavam. Elas estavam sempre vazias, não tinham sequer fantasmas. Nesses sonhos, ela acabava sozinha, machucada. Ela acordava em silêncio pela manhã, com lágrimas secas e um aperto no peito.

Ainda assim, ela não tinha forças para dizer não a ele.

Quando Tiberias Calore, herdeiro do trono de Norta, se pôs de joelhos com um anel na mão, ela aceitou. Sorriu. Beijou. Disse sim.

— Você me faz mais feliz do que jamais pensei que seria — Tibe disse.

— Sei como se sente — ela disse, verdadeiramente. Ela estava feliz à sua própria maneira, o máximo que conseguia.

Mas há diferenças entre uma vela solitária na escuridão e o clarão do sol.

Houve oposição entre as Grandes Casas. A Prova Real era direito delas, afinal. Unir em casamento o filho mais nobre com a filha mais talentosa. As Casas Merandus, Samos e Osanos estavam na frente; suas garotas tinham sido criadas para serem rainhas. Até que a sua chance de conquistar a coroa fosse roubada por uma qualquer. Mas o rei se manteve firme. E havia precedentes. Pelo menos dois reis Calore tinham se casado sem o compromisso da Prova Real. Tibe seria o terceiro.

Como que para se desculpar pelo desrespeito à Prova Real, o resto do casamento foi rigidamente tradicional. Esperaram até Coriane completar dezesseis, na primavera seguinte, prolongando o noivado a fim de que a família real pudesse convencer, ameaçar e comprar a aceitação das Grandes Casas. Por fim, todos concordaram com os termos. Coriane Jacos seria a rainha, mas todos os seus filhos estariam sujeitos a casamentos políticos. Uma concessão que ela não queria fazer, mas Tibe estava disposto, então ela não pôde dizer não.

Claro, Jessamine tomou todo o mérito para si. Mesmo no momento em que Coriane era vestida para a cerimônia, uma hora ante de casar com o príncipe, a velha prima veio grasnar atrás do copo cheio até a borda.

— Cuidado com a postura. Seus ossos são de Jacos. Ágeis e graciosos como os de um pássaro.

Coriane não achava nada disso. *Se eu fosse um pássaro, poderia voar para longe com Tibe*. A tiara em sua cabeça, a primeira de muitas, espetava o couro cabeludo. Não era um bom presságio.

— Depois fica mais fácil — a rainha Anabel sussurrou no ouvido dela. Coriane quis acreditar nela.

Como não tinha mãe, Coriane aceitou de bom grado Anabel e Robert como seus pais substitutos. Num mundo ideal, Robert até entraria com ela no lugar do pai, que continuava a ser um cretino. Como presente de casamento, Harrus tinha pedido cinco mil tetrarcas de pensão. Ele parecia não entender que os presentes costumavam ser *dados* à noiva, não *pedidos* a ela. Apesar da iminente elevação à realeza, ele tinha perdido o governo por má administração. Já pisando em ovos por causa do noivado fora do padrão de Tibe, a família real não pôde fazer nada para ajudar e a Casa Provos assumiu com alegria o governo de Aderonack.

Depois da cerimônia, do banquete, e até de Tibe adormecer nos novos aposentos dos dois, Coriane

debruçou-se sobre o diário. A caligrafia saiu apressada, borrada, com manchas de tinta que vazavam para o outro lado da página. Ela não escrevia mais com tanta frequência.

Casei com um príncipe que um dia será rei. Geralmente é aqui que os contos de fada terminam. As histórias não vão muito além deste momento, e receio que exista uma boa razão para isso. Uma sensação de tristeza pairava sobre o dia de hoje, uma nuvem negra da qual ainda não consigo me livrar. É um desconforto bem no fundo do coração, que suga minha força. Ou talvez eu esteja ficando doente. É totalmente possível. Sara saberá.

Não paro de sonhar com os olhos dela. De Elara. Será possível? Será que ela está me mandando esses pesadelos? Os murmuradores são capazes de algo assim? Preciso saber. Preciso. Preciso. PRECISO.

No seu primeiro ato como princesa de Norta, Coriane contratou Julian e um tutor decente. Tanto para aperfeiçoar o próprio poder como para ajudá-la a se defender do que ela chamava de “incômodos”. Uma palavra escolhida com cuidado. Mais uma vez, tinha decidido guardar os problemas para si, para evitar que o irmão e o marido se preocupassem.

Ambos viviam distraídos. Julian, por causa de Sara, e Tibe por outro segredo bem guardado.

O rei estava doente. E Robert também.

Levaram dois longos anos para a corte descobrir que algo não corria bem.

— Já faz um tempo que isso está acontecendo — Robert disse, segurando a mão de Coriane. Ela estava sentada na beira da cama dele, com uma expressão de tristeza. O príncipe ainda era belo, ainda sorria, mas seu vigor tinha acabado, sua pele estava cinzenta e escura, drenada de vida. Tinha calafrios apesar dos cobertores ao redor dele, sem falar do ar quente bombeado para o quarto e da fogueira intensa. — Isto é tudo que os curandeiros de pele podem fazer. Se ao menos eu tivesse quebrado a coluna, não haveria nenhum problema. — Seu riso logo se transformou numa tosse sem fôlego.

— Tudo bem, não precisa explicar — Coriane sussurrou. Ela fazia o máximo para não chorar, embora cada milímetro de seu corpo desejasse isso. *Como isto pode estar acontecendo? Não somos prateados? Não somos deuses?* — Você precisa de alguma coisa?

Robert abriu um sorriso vazio. Seus olhos saltaram para o abdômen dela, ainda sem as formas arredondas da vida que estava lá dentro. Um príncipe ou uma princesa, ela ainda não sabia.

— Eu ia gostar de ver esse pequeno.

A Casa Skonos tentou de tudo, até transfusão total de sangue. Mas a doença, fosse qual fosse, nunca desaparecia. Destruía Robert mais rápido do que podiam curá-lo. O mesmo valia para o rei Tiberias. Os dois geralmente ficavam no mesmo quarto médico, mas naquele dia o rei estava a sós com Tibe, e Coriane sabia o porquê. O fim estava próximo. A coroa passaria para outra cabeça, e havia coisas de que só Tibe podia saber.

No dia em que Robert morreu, Coriane marcou a data no diário e pintou toda a página de preto. Fez

o mesmo quando o rei se foi, um mês depois, e quando teve os três abortos espontâneos por que passou nos anos seguintes. Cada um deles aconteceu durante a noite, logo depois de um pesadelo violento.

Coriane estava com vinte e um anos e grávida pela quarta vez.

Não contou a ninguém, nem mesmo a Tibe. Não queria magoá-lo. Sobretudo, não queria que ninguém soubesse. Se Elara Merandus realmente ainda a infernizava e fazia seu corpo se voltar contra os filhos durante a gestação, Coriane não queria qualquer anúncio a respeito de outro bebê real.

Os medos de uma rainha frágil não podiam servir de base para o banimento de uma Grande Casa, ainda mais uma tão poderosa quanto a Merandus. Assim, Elara continuava na corte, a única das três favoritas para a Prova Real que não tinha se casado. Não se insinuava para Tibe. Pelo contrário, sempre solicitava para fazer parte das damas de companhia da rainha, e sempre tinha o pedido negado.

Será um choque quando eu for atrás dela, Coriane pensou enquanto repassava seu plano breve, mas necessário. *Estará com a guarda baixa, surpresa o bastante para me deixar agir*. Ela tinha praticado com Julian, Sara e até mesmo com Tibe. Seus poderes estavam melhores do que nunca. *Vou conseguir*.

O Baile de Despedida que marcava o fim da temporada no palácio de verão era a ocasião perfeita. Tantos convidados, tantas mentes… Seria fácil chegar perto de Elara. Ela não esperaria que a rainha Coriane viesse conversar com ela, muito menos *cantar* para ela. Mas Coriane faria as duas coisas.

Ela fez questão de se vestir para o evento. Mesmo naquele momento, com a fortuna da coroa, se sentia deslocada em suas sedas douradas e vermelhas, como uma garotinha que brincava de se enfeitar com todos aqueles nobres ao redor. Tibe assobiou, como sempre, dizendo que ela estava linda, assegurando que era a única mulher para ele naquele ou em qualquer outro mundo. No geral, isso a acalmava, mas dessa vez ela continuou nervosa, concentrada na missão à frente.

Tudo caminhava ao mesmo tempo devagar e rápido demais para o gosto dela. A refeição, a dança, os encontros com tantos sorrisos largos e olhos apertados. Para muitos, Coriane ainda era a rainha cantora, a mulher que chegou ao trono graças aos seus poderes. *Se ao menos fosse verdade. Se ao menos eu fosse aquilo que os outros pensam, Elara não teria a menor importância, e eu não passaria todas as noites em claro, com medo de dormir, com medo de sonhar*.

A oportunidade veio tarde da noite, quando o vinho começava a acabar e Tibe ia atrás de seu precioso uísque. Ela se esgueirou para longe dele, deixando que Julian cuidasse do rei. Nem Sara notou a saída discreta da rainha para cruzar o caminho de Elara Merandus, que estava parada, distraída, às portas da sacada.

— Não quer ir lá fora comigo, Lady Elara? — Coriane convidou com os olhos arregalados e cravados nos de Elara. Para qualquer um que passasse por perto, a voz soaria como uma canção: elegante, comovente, perigosa. Uma arma tão devastadora como as chamas do marido.

Os olhos de Elara não vacilaram, fixos nos de Coriane, e a rainha sentiu seu coração se agitar. *Foco*, disse a si mesma. *Foco, droga*. Se a Merandus não pudesse ser encantada, Coriane teria se metido numa situação pior que a de seus pesadelos.

Mas, devagar como uma lesma, Elara deu um passo para trás, sem jamais desviar os olhos.

— Sim — disse mecanicamente, abrindo a porta da sacada.

As duas saíram juntas. Coriane segurava Elara pelos ombros, evitando que ela vacilasse. Lá fora, a noite estava quente e úmida; eram os últimos suspiros do verão no vale norte do rio. Coriane nem sentia o clima. Os olhos de Elara eram a única coisa que tinha em mente.

— Você andou brincando com a minha cabeça? — perguntou, indo direto ao assunto.

— Faz tempo que não — Elara respondeu com um olhar distante.

— Quando foi a última vez?

— No dia do seu casamento.

Coriane piscou, surpresa. *Há tanto tempo…*

— O quê? O que você fez?

— Fiz você tropeçar — Elara disse com um sorriso sonâmbulo nos lábios. — Fiz você tropeçar no vestido.

— Só… Só isso?

— Sim.

— E os sonhos? Os pesadelos?

Elara não disse nada. *Porque não há o que dizer*, Coriane entendeu. Respirou fundo e desviou o olhar, lutando contra a vontade de chorar. *Os medos são meus. Sempre foram. Sempre vão ser. Estava errada antes de chegar à corte, e continuo errada tanto tempo depois*.

— Volte para dentro e não se lembre de nada disto — ela disse, ríspida, para em seguida virar o rosto e quebrar o contato visual de que precisava para manter Elara sob seu domínio.

Como uma pessoa recém-desperta, Elara piscou várias vezes. Lançou um olhar confuso para a rainha e se apressou para voltar à festa.

Coriane andou na direção oposta, rumo ao parapeito de pedra que rodeava a sacada, onde se apoiou para recuperar o fôlego, para não gritar. O verde estendia-se sob si, um jardim com fontes e pedras mais de dez metros abaixo. Por um breve segundo, ela lutou contra o ímpeto de pular.

No dia seguinte, escolheu um guarda para servi-la, para defendê-la de qualquer poder prateado que pudessem usar contra ela. Se não de Elara, com certeza de outra pessoa da Casa Merandus. Coriane era simplesmente incapaz de acreditar como sua mente parecia sair dos eixos, passando de alegria para perturbação em um segundo, pairando entre uma emoção e outra como uma folha ao vento.

O guarda era da Casa Arven, a casa dos silenciadores. Seu nome era Rane, um salvador em trajes brancos que jurou defender a rainha contra tudo.

O bebê recebeu o nome de Tiberias conforme o costume. Coriane não gostava tanto do nome, mas

cedeu ao pedido de Tibe, que garantiu que o nome do próximo filho seria uma homenagem a Julian. O bebê era gordinho, aprendeu a sorrir cedo e gargalhava com frequência. Crescia incrivelmente rápido. A mãe lhe deu o apelido de Cal para distingui-lo do pai e do avô. Pegou.

O menino era o sol no céu de Coriane. Nos dias difíceis, ele acabava com as trevas. Nos bons, iluminava o mundo. Quando Tibe partia para a frente de batalha, muitas vezes durante semanas, já que a guerra tinha voltado a esquentar, Cal a mantinha segura. Com apenas poucos meses de idade ele já era melhor do que qualquer escudo do reino.

Julian mimava o garoto, lendo para ele, lhe trazendo brinquedos. Brinquedos que Cal era capaz de quebrar e depois remontar do jeito errado, para a alegria de Coriane. Ela passava horas e mais horas consertando os presentes destroçados, o que entretinha tanto ela quanto o filho.

— Ele vai ser maior do que o pai — Sara disse. A amiga não era apenas a principal dama de companhia de Coriane, mas também sua médica. — É um garoto forte.

Qualquer mãe ficaria feliz ao ouvir essas palavras, mas Coriane as temia. *Maior do que o pai, um garoto forte*. Ela sabia o que isso significava para um príncipe Calore, um herdeiro da coroa flamejante.

Ele não será um soldado, escreveu no seu mais novo diário. *Pelo menos isso tenho que fazer por ele. Há muito tempo filhos e filhas da Casa Calore são combatentes. Há muito tempo este país tem apenas reis guerreiros. Há muito tempo estamos em guerra, nas fronteiras e também aqui dentro. Talvez seja um crime escrever coisas assim, mas sou rainha. Sou* a *rainha. Posso dizer e escrever o que penso.*

Com o passar dos meses, Coriane pensava cada vez mais na casa de sua infância. A propriedade não existia mais, tinha sido demolida pelos governadores da Casa Provos, esvaziada das lembranças e dos fantasmas dela. Era perto demais da fronteira com Lakeland para prateados de respeito morarem, embora as batalhas se concentrassem nos territórios bombardeados do Gargalo. Embora poucos prateados morressem, enquanto os vermelhos morriam aos milhares. Recrutados de cada canto do reino, forçados a servir e a lutar. *Meu reino*, Coriane se deu conta. *Meu marido assina a renovação do recrutamento todos os anos. Nunca quebra o ciclo, só reclama da cãibra nas mãos*.

Ela observava o filho no chão, sorrindo com um único dente, batendo dois blocos de madeira. *Com ele não vai ser assim*, disse a si mesma.

Os pesadelos voltaram com tudo. Dessa vez, eram com seu bebê crescido, vestindo armadura, liderando soldados, fazendo as tropas adentrarem uma cortina de fumaça. Ele ia atrás e não voltava mais.

Com círculos escuros ao redor dos olhos, ela escreveu o que seria o antepenúltimo registro de seu diário. As palavras pareciam cravadas na página. Havia três dias que Coriane não dormia, incapaz de enfrentar outro pesadelo com o filho morrendo.

Os Calore são filhos do fogo, tão fortes e destrutivos quanto suas chamas. Mas Cal não será como os que vieram antes dele. O fogo pode destruir, pode matar, mas também pode criar. A floresta queimada no verão estará verde na primavera, melhor e mais forte do que antes. As chamas de Cal vão construir, vão criar raízes sobre as cinzas da guerra. As armas silenciarão, a fumaça esvanecerá, e os soldados,

tanto vermelhos como prateados, voltarão para casa. Cem anos de guerra, e meu filho trará a paz. Ele não morrerá lutando. Não morrerá. NÃO MORRERÁ.

Tibe estava fora, no Forte Patriota, em Harbor Bay. Mas Arven estava de pé bem em frente à porta, e aquela presença transformava o quarto numa bolha de alívio. *Nada pode me tocar enquanto ele estiver aqui*, ela pensou enquanto ajeitava o cabelo de Cal. *A única pessoa na minha cabeça sou eu.*

A babá que veio pegar o bebê notou o comportamento agitado da rainha, as mãos tensas, os olhos opacos, mas não disse nada. Não era da sua alçada.

A única pessoa na minha cabeça sou eu.

Tibe não é o mesmo. A coroa o mudou, como você pensou que aconteceria. O fogo está dentro dele, o fogo que queimará o mundo inteiro. E está no seu filho, no príncipe que nunca vai mudar o próprio sangue e nunca vai sentar num trono.

A única pessoa na minha cabeça sou eu.

A única pessoa que não mudou é você. Você ainda é a menininha numa sala empoeirada, esquecida, indesejada, deslocada. Você é a rainha de tudo, mãe de um filho lindo, esposa de um rei amoroso, e ainda assim não consegue ter forças para sorrir.

Ainda assim não faz nada.

Ainda assim está vazia.

A única pessoa na sua cabeça é você.

E ela não tem a menor importância.

Ela não é nada.

Na manhã seguinte, uma criada encontrou a coroa nupcial da rainha quebrada no chão, uma explosão de pérolas e ouro retorcido. Havia prata sobre ela, sangue escurecido com o passar das horas.

A água do banho tinha escurecido junto.

O diário ficou inacabado. Não foi visto por muitos que mereciam lê-lo.

Apenas Elara viu suas páginas e a lenta revelação da mulher presente ali.

Ela destruiu o livro como destruiu Coriane.

E não sonhou com nada.

VICTORIA AVEYARD cresceu numa cidadezinha em Massachusetts e frequentou a Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. Ela se formou como roteirista e tenta combinar seu amor por história, explosões e heroínas fortes na sua escrita. Seus hobbies incluem a tarefa impossível de prever o que vai acontecer em As Crônicas de Gelo e Fogo, viajar e assistir Netflix.

Copyright © 2015 by Victoria Aveyard

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Queen Song
CAPA Alceu Chiesorin Nunes
PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli
REVISÃO Renato Potenza Rodrigues/ Verba Editorial
ISBN 978-85-438-0433-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

Capa
Rosto
Canção da rainha
Sobre a autora
Créditos